

BREVES APONTAMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

BRIEF NOTES FOR A BIOGRAPHY OF CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

Alexandra Vieira^{1*}

CITCEM; IPB

RESUMO:

Procurámos com este trabalho compilar um conjunto de dados dispersos, que nos permitem traçar a “história de vida”, a “biografia” de Castelo Velho de Freixo de Numão. A sua longa ocupação ao nível da Pré-História Recente revela-se apenas como um momento do seu percurso no tempo. Castelo Velho é um lugar com uma ampla diacronia. Existem evidências de que o topo do morro, onde se localiza o recinto pré-histórico, foi palco de alterações pontuais noutros períodos históricos. Iremos apresentar alguns desses dados e tentar perceber como estudar estes “Lugares Persistentes na Paisagem”.

PALAVRAS-CHAVE:

Biografia; Ocupação histórica; Multitemporalidade

ABSTRACT:

This work brings together a set of scattered data, allowing us to trace the “life story” or “biography” of Castelo Velho de Freixo de Numão. The long occupation of the site during prehistory (III and II millennium B.C.) is revealed to be only a moment of its journey in time. Castelo Velho is a place with a wide diachrony. There is evidence that the top of the hill, were we

^{1*} alexandra.vieira@gmail.com

can find today the prehistoric enclosure, was a product of specific changes in historical periods. We will present some of these data and try to understand how to study the site of Castelo Velho as a “Persistent Place in the Landscape.”

KEY-WORDS:

Biography; Historical Occupation; Multitemporality

INTRODUÇÃO

“The past is everywhere. All around us lie features which, like ourselves and our thoughts, have more or less recognizable antecedents. Relics, histories, memories suffuse human experience. Each particular trace of the past ultimately perishes, but collectively they are immortal. Whether it is celebrated or rejected, attended to or ignored, the past is omnipresent” (LOWENTHAL, 1990: xv).

‘The past is a foreign country’, begins L.P.Hartley’s *The Go-Between*; ‘they do things differently there’ (LOWENTHAL, 1990: xvi).

Na introdução do seu livro “The past is foreign country” Lowenthal faz estas duas afirmações que nos sugerem algumas considerações. Em primeiro lugar, este autor refere que o passado está em todo o lado, pode manifestar-se de diversas formas, tornando-se algo omnipresente. Porém, o passado é um “país estrangeiro”, de significados e sentidos distintos dos nossos. Se por um lado temos consciência da sua presença, por outro lado, sentimos dificuldade na sua interpretação. É o que sentimos na nossa prática em arqueologia. Como estudar os sítios arqueológicos, traços deste passado obscuro e de difícil interpretação? Neste caso em particular, como interpretar o Castelo Velho?

O objectivo principal deste trabalho passa pela exploração do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão como um lugar persistente no tempo e na paisagem. Um lugar “especial” ou raro, que não se restringe ao sítio pré-histórico, mas sim a um lugar que foi sendo reapropriado e percorrido por diferentes comunidades, em diferentes momentos.

Assistimos, na generalidade dos casos, ao estudo dos sítios arqueológicos de forma parcelar e fragmentada. O arqueólogo cinge-se, muitas das vezes, ao estudo do período cronológico em que se especializou, descurando por vezes os outros “momentos” da vida destes lugares. Além disso, é raro encontrar uma abordagem que contemple estes sítios como um todo, ou seja, que estude a multitemporalidade do lugar, desde as suas origens até os tempos actuais. Como estudar estes lugares com amplas escalas de tempo?

Em geral, as biografias descrevem a vida de uma ou mais pessoas. Actualmente, deparámo-nos com trabalhos arqueológicos centrados na “história de vida” dos objectos, o que podemos entender como as “biografias” dos objectos (HOLTORF 2000-2008). Assim como as pessoas e os objectos, também os sítios arqueológicos ou até mesmo as paisagens possuem uma “história de vida”. Fazer a sua biografia, ou seja, narrar a sua construção, a sua utilização, o seu abandono e, por vezes, a sua reinterpretação e/ou reutilização em momentos posteriores, é o caminho que pretendemos seguir na análise de lugares que, tal como Castelo Velho, persistem na Paisagem.

O reconhecimento da natureza multitemporal dos sítios arqueológicos, ou pelo menos de alguns deles, permite-nos pensar que aquilo que parece ser um momento único no passado, imaginemos, por exemplo, a construção de uma estrutura circular num sítio arqueológico do 3.^o milénio a.C., pode realmente incorporar uma amálgama de múltiplos eventos e escalas temporais. Não se destaca neste processo a linearidade do tempo nem a sequência estratigráfica dum ponto de vista mais tradicional. Pelo contrário, partirmos do pressuposto de que as estruturas arqueológicas não são simplesmente constituídas pela adição ou subtracção de elementos arquitectónicos. Muitas vezes são construídas e mantidas por um conjunto de ações que implicam, por exemplo, a reutilização de estruturas já existentes e de alguns materiais, a sobreposição de diversos elementos arqueológicos, a reprodução de determinadas formas e padrões ou modelos (LUCAS 2005: 38).

Castelo Velho destaca-se por ser um sítio importantíssimo do 3.^o/2.^o milénio a.C., na Península Ibérica. No entanto, não é somente um sítio da Pré-História Recente. Existem indícios de ter sido ocupado em épocas posteriores, nomeadamente durante a época medieval. O que é que os vestígios arqueológicos

nos dizem sobre esses outros “momentos” da vida do Castelo Velho? Será possível perceber como é que os “resíduos” desses vários momentos se relacionam? Será exequível estabelecer relações entre as várias estruturas arquitectónicas? E o que nos dizem os materiais exumados durante as escavações? Mais ainda, como se relacionam as comunidades actuais com o sítio? Que recordações possuem do sítio?

“Rastrear as histórias de vida de monumentos pré-históricos” nas palavras de Holtorf, significa indagar como é que as sociedades posteriores lidaram com esses vestígios do passado (HOLTORF 2000-2008). Mas, será possível compreender de que forma as comunidades passadas apreenderam os vestígios materiais de outros tempos, em momentos anteriores ao nosso presente? Alguns autores defendem a hipótese de que as pessoas noutros tempos reutilizavam estruturas e objectos do seu próprio passado, num processo semelhante ao das sociedades contemporâneas, que interpretam hoje em dia os monumentos antigos, incorporando-os na sua vida, no seu quotidiano². Em alguns casos, objectos e lugares antigos foram ignorados, esquecidos, evitados ou até mesmo destruídos. No entanto, noutras situações, em determinados locais, os sítios arqueológicos tornaram-se elementos centrais da vida política, social e religiosa das comunidades. Muitas vezes, estes grupos que “reutilizavam” esses sítios ignoravam quem tinha originalmente construído essas estruturas. Consequentemente, inventavam histórias ou deliberadamente suprimiam tradições, em prol de novas interpretações sobre os sítios.

Seja através de reocupação de alguns locais, da reutilização de estruturas, ou de novas interpretações, o facto é que alguns sítios arqueológicos subsistem na Paisagem e são “revisitados” em vários momentos, devido à sua capacidade de metamorfose/transformação e da constante reciclagem dos seus sentidos/significados (NORA, 1989: 19).

O CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

Castelo Velho de Freixo de Numão situa-se no alto de um cabeço xistoso, à altitude absoluta de 681 metros. Tal cabeço é delimitado a sul, a leste e a nordeste por ribeiras tributárias da ribeira do Vale da Vila, afluente da margem

² Ver textos de Richard Bradley e Cornelius Holtorf.

esquerda do rio Douro, encontrando-se rodeado por vales profundos, particularmente a sul e sudeste, com a exceção duma área circunscrita a noroeste (JORGE, 2005 [1998]: 90).



Fig. 1. Implantação do Castelo Velho na paisagem que o circunda (IGP, 2010).

De Castelo Velho é possível avistar Foz Côa, parte do Vale do Côa, e uma larga paisagem para sul e para leste, incluindo terras de Espanha, servindo este local de “miradouro” (JORGE, 2005 [2002]: 112).

Para Susana Soares Lopes este sítio arqueológico foi construído, mantido e transformado ao longo do 3.º e 2.º milénios a.C., tornando-se um ponto destacado na paisagem, um autêntico elemento de referência visual da região (JORGE 2003a: 15). O processo de valorização patrimonial deste sítio veio consolidar a sua condição de “bem cultural”, contribuindo desta forma para a sua protecção e usufruto das gerações vindouras.

O REENCONTRO COM CASTELO VELHO

A descoberta do sítio deu-se em 1980, tendo sido referenciado a partir de uma Carta Mineira dos anos 20, existente na residência dos Herdeiros do Dr. João Pinto Costa Leite Lumbralles, em Freixo de Numão. Esta carta da zona mineira foi cedida ao Grupo de Defesa e Divulgação do Património Cultural de Freixo de Numão, por Joaquim Lumbrales, onde constava o topónimo CASTELO VELHO; por sua vez Maria de Fátima Félix e o seu irmão Manuel Félix, dois membros da comunidade local, informaram António Sá Coixão sobre a localização exacta do sítio arqueológico. As recolhas de superfície possibilitaram a identificação de “um amontoado de placas de xisto” com vestígios de um possível sítio da Pré-História Recente (COIXÃO, 1997: 23).

O acesso ao sítio era feito através da Estrada Municipal Freixo - Santo Amaro. Ao chegar ao cruzamento das Minas de Volfrâmio, deparava-se com um caminho à direita, que conduzia até um pequeno morro coberto de “pedrame” e xisto.

Durante o ano de 1981 foram feitas prospecções desde o morro e vale contíguo, até à ribeira do Vale da Rata. A primeira caracterização, muito sumária, de Castelo Velho, registada numa ficha de inventário, menciona que o sítio se localizava no “esporão de um pequeno monte cultivado de cereais, onde aparecia um aglomerado de pedrame e onde eram visíveis restos de um amuralhado em xisto, disposto em forma mais ou menos circular. Durante este período foram recolhidos fragmentos cerâmicos tanto na zona do pedrame, ou seja, do morro lavrado, como na zona do Vale, onde também foram detectados restos de mós manuais em granito, seixos afeiçãoados e pesos de tear”³.

António Sá Coixão procede a recolhas de superfície no ano de 1987 e no ano de 1988 à realização de uma pequena sondagem (COIXÃO, 1999: 115).

³ Informação retirada da ficha de sítio, datada de 1981, gentilmente cedida pelo Dr. António Sá Coixão, a quem agradeço toda a ajuda disponibilizada.



Fig. 2. Aspectos gerais da escavação do Castelo Velho durante a primeira campanha de escavação em 1989 (fotografias de Susana Soares Lopes).

O sítio de Castelo Velho foi intervencionado entre 1989 e 2003, sob a direcção de Susana Soares Lopes, tendo sido objecto de um programa de estudo e valorização patrimonial estatal, entre 2001 e 2005, período durante o qual o sítio arqueológico foi preparado para ser fruído pelo público, tendo sido construído para esse efeito um pequeno centro interpretativo (JORGE, 2003a: 33).

O TOPÓNIMO CASTELO VELHO

A propósito das circunstâncias da descoberta do sítio arqueológico do Castelo Velho, que se encontram intimamente relacionadas com o topónimo do local, apresentamos um excerto da entrevista do jornalista Manuel Vilas-Boas (MVB) ao arqueólogo António Sá Coixão (ASC).

MVB: (...) Quem tomou nas mãos uma bandeira foi o Dr. António Sá Coixão que nos anos 80, digamos, descobriu este lugar. Ele estava cá... O Dr. Coixão é também daqui. (...) Exactamente, encontrou um Castelo Velho?

ASC: (...) Encontrei não um, mas vários. 1980, 1981, 1982 coincide com a minha ideia de então, do levantamento arqueológico do concelho para a elaboração da carta arqueológica de Foz Côa. (...) A minha primeira preocupação foi fazer um levantamento toponímico. (...)

MVB: Quando diz Castelo Velho, diz Castelo antigo?

ASC: Claro, a minha preocupação foi perguntar aos mais velhos se conheciam o sítio. Sim senhor. E porque lhe chamariam Castelo Velho? E claro que eles ou inventavam ou então “ouviram dizer”. Castelo, é porque lá existia um castelo. (...)⁴

António Sá Coixão refere que no último meio século, devido às actualizações das “matrizes” nas repartições de finanças, foram alterados ou suprimidos topónimos e microtopónimos da região. Foi o que aconteceu com o topónimo Castelo Velho, que entretanto desapareceu dos registos matriciais. Toda a área é agora englobada em macrotopónimos como Vale da Rata, Ameixoeiras, etc. “Valeu um mapa da zona mineira de Freixo de Numão dos anos 20, onde aquele e outros microtopónimos (há muito desaparecidos da documentação oficial) ainda surgiam” (COIXÃO, 1999: 21-22). António Sá Coixão constatou à posteriori que as pessoas mais idosas da freguesia conheciam bem o topónimo e o sítio.

⁴ Castelo Velho de Freixo de Numão - 07 JUN 08. Encontros com o Património. TSF [em linha] Entrevista do jornalista Manuel Vilas-Boas aos arqueólogos António Sá Coixão e Susana Oliveira Jorge. Consultado em 10 de Junho de 2011. Disponível em:

http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=918070&audio_id=955191 .



Fig. 3. Placa sinalizadora do sítio arqueológico do Castelo Velho (fotografia de Joana Alves Ferreira).

No concelho de Vila Nova de Foz Côa foram inventariados seis sítios com o topónimo Castelo Velho, dois com o topónimo Castelos e dez com o topónimo Castelo. Em quase todos os sítios foram registados materiais pré ou proto-históricos. António Sá Coixão acredita que “a maioria dos sítios com o topónimo Castelo poderá conter vestígios da Idade do Ferro” (COIXÃO, 1996: 53) ainda não muito bem estudada na região. Se em Numão e em Castelo Melhor o topónimo Castelo corresponde a estruturas medievais, nas outras freguesias não há conhecimento de terem existido fortificações da Idade Média, que depois tivessem desaparecido. Este facto não passou despercebido ao historiador João Pinto Ferreira (natural de Freixo de Numão) que justificava esse topónimo em várias freguesias por ele estudadas, «como sendo um hábito enraizado nestas gentes, de chamarem ao sítio mais elevado da sua aldeia “Castelo”» (COIXÃO, 2008: 31).

Temporalidades

Observemos o que nos dizem as evidências arqueológicas sobre o sítio do Castelo Velho.

A Pré-História Recente

«Alguns textos de síntese publicados em 2003 rejeitam uma narrativa sequencial estrita de Castelo Velho. De facto, ao longo de 15 anos, tentara-se

sempre um faseamento com base no paradigma estratigráfico. Em 2003 assume-se que não podemos aceder a contemporaneidades socialmente usuáveis, por forma a construir narrativas de nível intermédio. Pode-se falar de vidas do sítio, de momentos, de espaços, de deposições, de condenações, em suma, de “transformações”. Podemos tão só, abrir “janelas” sobre algumas acções vividas em Castelo Velho» (JORGE, 2007: 79).

Esta mudança de paradigma em 2003 (JORGE, (2005) [2003a]: 229) leva a que Susana Soares Lopes, hoje em dia, assumia apenas três grandes momentos de “afeiçãoamento” da colina, ao nível da ocupação pré-histórica. Assim sendo, terá existido um primeiro momento uma fase pré-monumental, anterior à construção do recinto murado, que poderá datar de inícios do 3.º milénio e que é praticamente desconhecido; uma fase monumental, num segundo momento, em que o monumento é construído e vivido, que se prolonga desde a primeira metade do 3.º milénio até à segunda metade do 2.º milénio; e por último, um terceiro momento, o fecho ou condenação intencional do monumento, por volta de 1300/1200 B.C., em que se processa o encerramento do lugar, enquanto monumento (Ibidem).

“Sabemos que o lugar de Castelo Velho se constitui, por volta de 3000 a.C., através da edificação, no topo do morro, de um torreão e de outras estruturas de menor envergadura. Esse torreão, reutilizado até cerca de 1300 a.C. constitui o eixo arquitectónico de um edifício que se consolida ao longo do terceiro e do segundo milénios a.C. Este “monumento” vai manter-se globalmente estável até cerca de 1300 a.C., altura em que é simbolicamente e fisicamente fechado” (JORGE, (2005) [2002]: 141).

Castelo Velho terá sido ocupado durante a Pré-História Recente entre os 3000 a.C. e 1300 a.C. Estes cerca de 1700 anos de ocupação do sítio, ao longo dos quais são visíveis grandes continuidades e algumas modificações, convertem-no num lugar persistente na paisagem. Desde logo emerge a seguinte questão: terá o sítio sido ocupado continuamente durante todo este tempo? Não é possível aferir a partir do registo arqueológico a existência de grandes rupturas ou abandonos do sítio. Não queremos com isto dizer que não os houve, apenas sabemos que os elementos estudados são omissos na resposta a esta questão, verificando-se, no entanto, um “padrão global de

continuidade arquitectónica e funcional” (JORGE (2005) [1998]: 104). Os seguintes argumentos apoiam esta afirmação, baseados num conjunto de permanências ao longo do 3.º e 2.º milénios a.C.

Podemos dizer que em Castelo Velho perdura um quase constante dispositivo arquitectónico monumental, neste caso um “recinto rodeado a sul e oeste, por uma plataforma e rampa/talude. A constituição do sítio far-se-á através da construção de um torreão, reutilizado até cerca de 1300 a.C.” (JORGE, (2005) [2002]: 140).

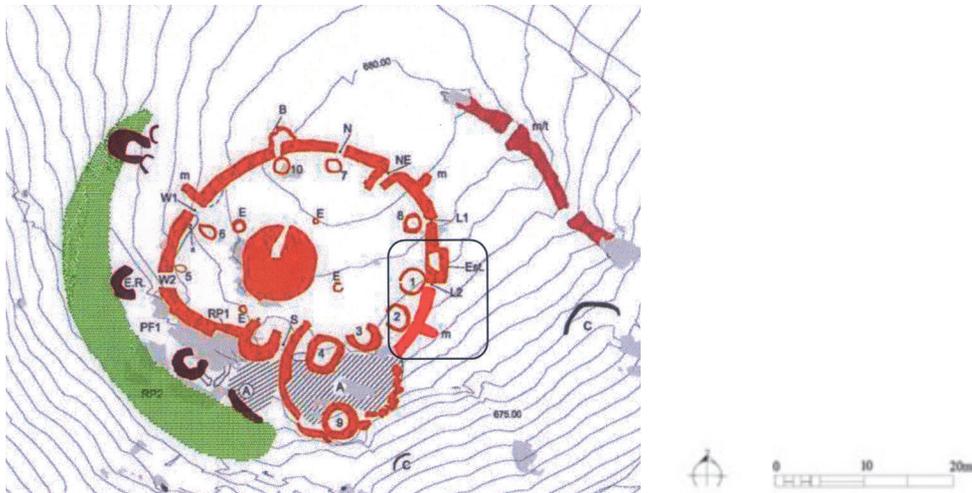


Fig. 4. A arquitectura pré-histórica de Castelo Velho (JORGE(2005) [2003b]: 331).

Pressupõe-se que o topo do esporão de Castelo Velho foi ocupado por volta de 3000 a.C. já que o cume do morro revelou vestígios de uma primeira ocupação, aparentemente breve. Os sedimentos articuláveis com este primeiro momento observam-se em áreas descontínuas e restritas, onde foram detectadas estruturas de combustão, “lajeados”, fossas, buracos de poste e ainda um torreão que continuou ativo até 1300 a.C. (JORGE (2005) [2002]: 124-125). Durante o 3.º milénio a.C. é construído um recinto de planta subelíptica delimitado por um murete, e a sul por uma área subcircular (A), designada por “avançado”. A sul, sudoeste e noroeste surge uma plataforma intermédia (PF1), rodeada por uma rampa ou talude (RP2). A rampa ou talude é constituída por pedra e argila.

Nesta plataforma intermédia destacam-se duas estruturas pétreas: um “torreão (T2) e uma estrutura com ossos humanos. O recinto de planta subelíptica, deveria ter inicialmente sete entradas. No interior surge a base pétreia de uma plataforma, também designada de “Torre”, e quatro pequenas estruturas. Muito próximas do murete delimitador, para além do torreão (T1), ocorrem sete estruturas de planta circular (1, 2, 5, 6, 7, 8, 10). Inseridas na área subcircular ou “avançado”, existem mais quatro estruturas (3 e 4)⁵. No exterior do recinto, desenvolve-se a leste, um murete descontínuo (Idem: 127-30).

Em relação aos materiais exumados ao longo das várias campanhas de escavação, nota-se a existência de padrões de utilização do mesmo tipo de material lítico, de elementos faunísticos e de vasos cerâmicos, sendo, neste último caso, detectável a sobrevivência de cerâmicas de tradição Calcolítica durante a Idade do Bronze (JORGE, (2005) [1998]: 104).

As “descontinuidades arqueológicas”, para utilizar a expressão de Susana Soares Lopes, resumem-se, no âmbito da sua interpretação, a algumas remodelações arquitectónicas, das quais se destacam o fecho e abertura de algumas entradas no recinto superior. O aparecimento e desaparecimento de determinados artefactos e ecofactos, é outro dos elementos de descontinuidade apresentado, onde se refere o aparecimento de cerâmica tipo “Cogeces” e vasos de decoração plástica durante a Idade do Bronze.

Se nos debruçarmos um pouco mais sobre o material cerâmico encontrado no sítio, nomeadamente através da análise de José Varela (2000), apercebemo-nos que apesar das semelhanças, existem também algumas diferenças nos materiais recolhidos na camada 3, vulgarmente associada ao nível Calcolítico, e camada 2, relacionável com a Idade do Bronze (VARELA, 2000: 94). Decorrente da sua análise, constata-se um padrão de continuidade e integração de formas e técnicas decorativas que surgem no Calcolítico e que perduram até à Idade do Bronze (Idem: 160). Verificamos a continuidade das cerâmicas, com formas e organizações decorativas características do 3.º milénio a. C., com a excepção da intrusão de algumas cerâmicas Cogeces e de dois fragmentos cerâmicos com decoração Campaniforme Cordada (JORGE, (2005) [2002]: 130).

⁵ Duas delas foram escavadas durante o processo de restauro do sítio, razão pela qual as plantas apresentadas não contemplam a reformulação da área sul do “avançado”, nem a definição dessas estruturas.

Susana Soares Lopes enfatiza a continuidade na ocupação do sítio durante a Pré-História Recente, referindo que:

“De qualquer forma, as discontinuidades observadas até ao momento, por importantes que sejam no sentido de sugerir mudanças na manipulação do espaço ou na natureza dos cenários que ali ocorreram, não são de índole a perturbar a ideia inicial: Castelo Velho terá sido um “monumento” concebido no Calcolítico regional que preservou até ao Bronze Pleno, a arquitectura e a respectiva natureza funcional, globalmente intactas” (JORGE, (2005) [1998]: 104).

Susana Soares Lopes refere ainda que durante a primeira metade do 2.º milénio a.C., a comunidade que se encontrava em Castelo Velho terá “reutilizado” ou “recuperado” algumas estruturas e alguns materiais de ocupações prévias (JORGE 1993a: 193). Exemplo deste processo de reutilização é o caso da Entrada Leste do muro delimitador do recinto, que foi fechada por grandes moinhos manuais reaproveitados (JORGE, 1993b).

Os Vestígios históricos

“ (...) After the “condemnation” [durante a Pré-história Recente] the place may have remained active in people’s memories, and over time there may have developed a whole new system which reshaped its symbolic role” (JORGE, 1999b: 129).

Apesar de Castelo Velho ser conhecido como um sítio arqueológico da Pré-história Recente, gostaríamos de destacar a existência de estruturas, materiais e datas de Carbono 14 que atestam a presença de “breves” passagens pelo sítio durante períodos posteriores, possivelmente durante a época romana (séculos I-II); época tardo-romana/alti-medieval (aproximadamente séculos IV-VI) e época medieval (entre os séculos XI e XIV) (ver SILVA, neste volume).⁶

⁶ Agradecemos a António Silva a partilha prévia do seu texto que elaborou para esta publicação.

As datações absolutas⁷

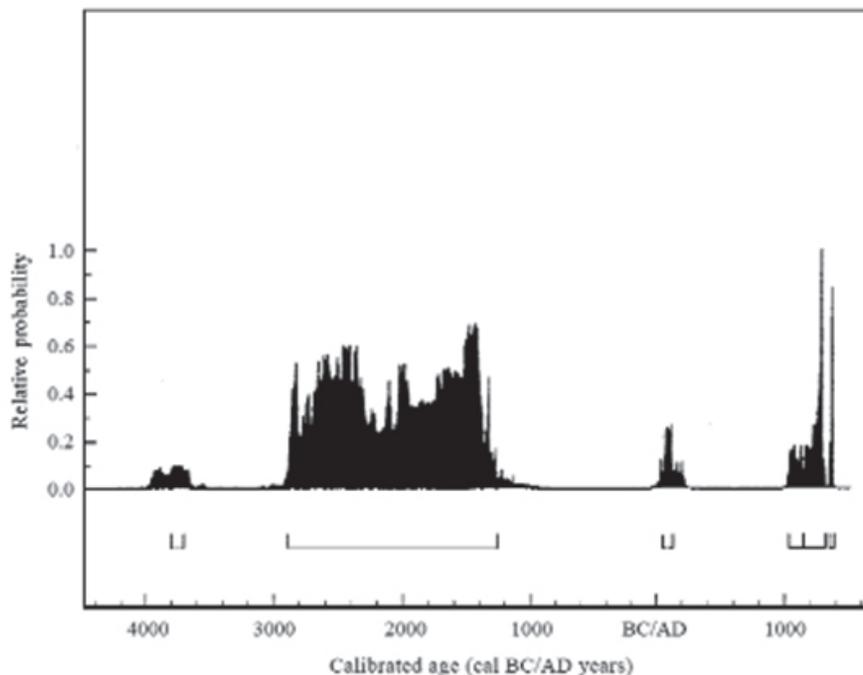


Fig. 5. Representação da soma das probabilidades do conjunto das datas de C14 de Castelo Velho (JORGE e RUBINUS, 2002a: 105).

A primeira análise realizada às datas de C14, em 1993, indicava que possíveis datas posteriores à Pré-História Recente eram consideradas anómalas no panorama das restantes datações: “a data ICEN-881 (n.º 6) relativa a uma amostra de carvões provenientes do quadrado G’6, camada 2, é obviamente anómala” (JORGE 1993a: 189). No entanto, com o decorrer da escavação da estação arqueológica, e com a descoberta de materiais de outros momentos históricos, a interpretação inicial alterou-se. A partir de 1998, Susana Lopes coloca a hipótese do sítio ter sido ocupado posteriormente, durante a Idade Média, pela descoberta de alguns vestígios que direccionam nesse sentido (JORGE e RUBINOS, 2002b: 95).

⁷ Não nos iremos debruçar sobre as datações de carbono 14 para a ocupação pré-histórica, pois esta temática já foi objeto de minuciosa análise em várias publicações (ver bibliografia).

Existem actualmente quatro datas específicas, que nos remetem para distintos momentos históricos:

Amostra n.º 28; camada 3, laboratório CSIC-1656: 1899 ± 38 BP; 24 – 227 cal AD. Esta amostra de carvão foi retirada da quadrícula M'12, a 15cm da superfície actual (JORGE e RUBINUS, 2002b: 100).

Amostra n.º 8, camada 2, laboratório ICEN-881: 900 ± 45 BP; 1024 – 1221 cal AD. A 25cm da superfície retirou-se esta amostra, de uma área de combustão, na quadrícula G'6 (JORGE e RUBINUS, 2002b: 101).



Fig. 6. Corte onde se enquadra a quadrícula G'6 de onde é proveniente a Amostra n.º 8 (VELHO, 2009: 118).

Amostra n.º 22, camada 2, laboratório GrN-23508: 750 ± 50 BP; 1184 – 1387 cal AD. Esta amostra foi retirada de uma área de combustão, na quadrícula B13 a 25 cm da superfície (JORGE e RUBINUS, 2002b: 101).

Amostra n.º 17, camada 2, laboratório CSIC-1334: 676 ± 26 BP 1280 – 1389 cal AD. Localizada na quadrícula D'13 a 30 cm da superfície, foi encontrada uma depressão com uma grande concentração de carvão (JORGE e RUBINUS, 2002b: 101).

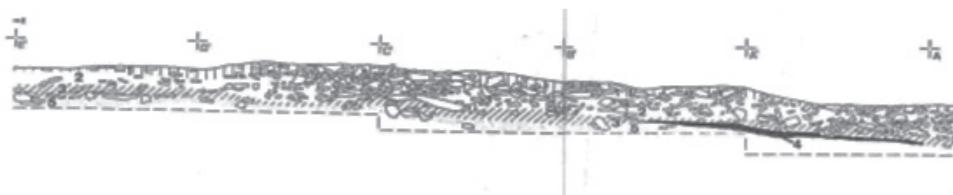


Fig. 7. Corte onde se enquadra a quadrícula D'13 de onde é proveniente a Amostra n.º 17 (JORGE 1995).

Das quatro datas de C14 analisadas, uma situa-se dentro do período romano (CSIC-1656), enquanto as outras três correspondem ao período medieval (ICEN-881, GRN -23.508 e CSIC-1334). As amostras 8, 22 e 17 são provenientes de áreas que foram perturbadas como resultado da ocupação em períodos posteriores. No entanto, com a exceção da amostra 17, a leitura estratigráfica não mostra evidência de qualquer alteração na camada 2, não havendo a indicação de movimentos na sua superfície. Se não fosse pela descoberta de alguns materiais em determinados sectores, estas datas seriam agora consideradas anómalas no contexto do sítio arqueológico de Castelo Velho (JORGE e RUBINUS, 2002b: 92). Susana Soares Lopes justifica da seguinte forma a legitimação desta informação:

“A correlação entre essas três datas, obtidas em laboratórios diferentes, significa que podemos descartar a possibilidade de erro experimental e fornece uma indicação firme de ocupações medievais do sítio, que foram documentadas arqueologicamente” (JORGE e RUBINUS, 2002b: 93).

Estas datas são provenientes de áreas que foram reocupadas ou reactivadas em momentos posteriores à Pré-História Recente. Susana Soares Lopes supõe que as camadas de pedra e barro que tinham “encerrado” o “monumento” da Idade do Bronze foram desmantelados em alguns sectores, sem, contudo, causar muita destruição (*Idem*: 96).

Os materiais

Em relação aos materiais encontrados na estação, referentes a períodos mais tardios, destacamos os seguintes, ressaltando a possibilidade de existirem outros, entre os materiais não analisados.

Foram encontrados 11 fragmentos de tégula (nas campanhas de 1994 e 1997), dois fragmentos de cerâmica de feição indeterminada, e dois cravos, estes últimos encontrados em 1998⁸. Existem referências a uma conta de vidro azul (?) encontrada na quadrícula O'14, também em 1998. Segundo o testemunho de António Sá Coixão, terá sido encontrada uma tégula quase inteira, que entretanto desapareceu. Em 2001 aparece um possível bordo de "dolium" e um fragmento de tégula de dimensões consideráveis. Em 2002 foi encontrado um fragmento de faiança no F'2'.

Destacam-se ainda duas outras peças metálicas, quer pelas suas características particulares, quer pelo seu bom estado de conservação. Falamos de uma fivela de cinturão encontrada no ano de 1994, estudada por Andreia Arezes (AREZES, 2011: 217), que sugere como referência temporal os finais do século IV/meados do século V. Segundo a referida autora, este objecto, associado normalmente a contextos funerários, é, até ao momento, o único objecto em metal desta tipologia encontrada nesta região⁹. António Silva aponta para uma cronologia mais antiga, nomeadamente alto imperial¹⁰.



Fig. 8. Fivela de cinturão (AREZES, 2011: 218)

⁸ Informação pessoal de António Silva, a quem agradeço a disponibilização destes dados.

⁹ Informação pessoal de Andreia Arezes, a quem agradeço a partilha de informação.

¹⁰ Estes materiais foram analisados detalhadamente por António Silva, neste mesmo volume, pelo que nos limitamos a aflorar o assunto.

Apareceu também em Castelo Velho uma fíbula anular romana em ómega, uma peça com uma cronologia de circulação muito ampla, entre os séculos I e IV (ver SILVA, neste volume). Sublinhamos a possibilidade de a circulação e uso destas peças poder ser ainda mais dilatada. Na necrópole de El Carpio de Tajo, em Toledo, com ocupação da segunda metade do séc. V/VI, foi demonstrada a utilização, em contextos funerários, de fíbulas em ómega associadas a materiais mais tardios (Ripoll, 1985: 16; 154-155).

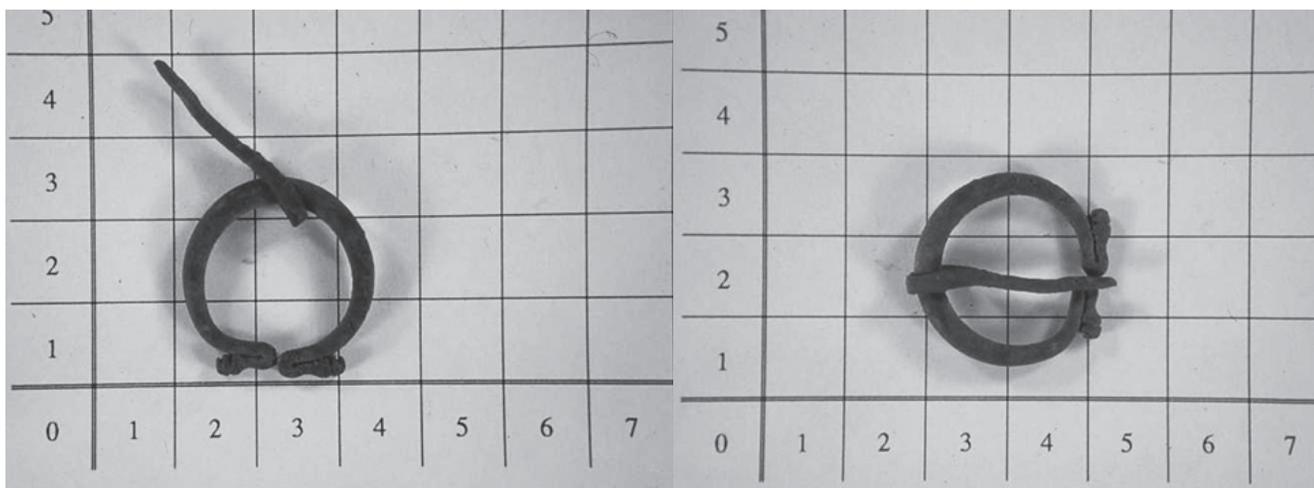


Fig. 9. Fíbula em ómega (fotografia de Susana Soares Lopes).

Apesar da inexistência de materiais arqueológicos datáveis da Baixa Idade Média, existem três datas de carbono 14 que se enquadram nesse período. Não podemos esquecer a conjuntura histórica existente nesta região durante a Baixa Idade Média. Entre os séculos X e XIV, a região do Vale do Côa, a sul do Rio Douro, constituía zona de fronteira e de conflito, num primeiro momento entre cristãos e muçulmanos e, posteriormente, entre o reino de Portugal e o reino de Leão e Castela (Martín Viso, 2004 e 2006). Os recuos e avanços das fronteiras podem ter tornado Castelo Velho num local, devido à sua implantação topográfica e domínio visual, com alguma importância estratégica para a defesa da região, sem que para isso tenha sido necessário a construção de alguma estrutura de vulto, cujos vestígios não se antevêm no registo arqueológico.

As estruturas

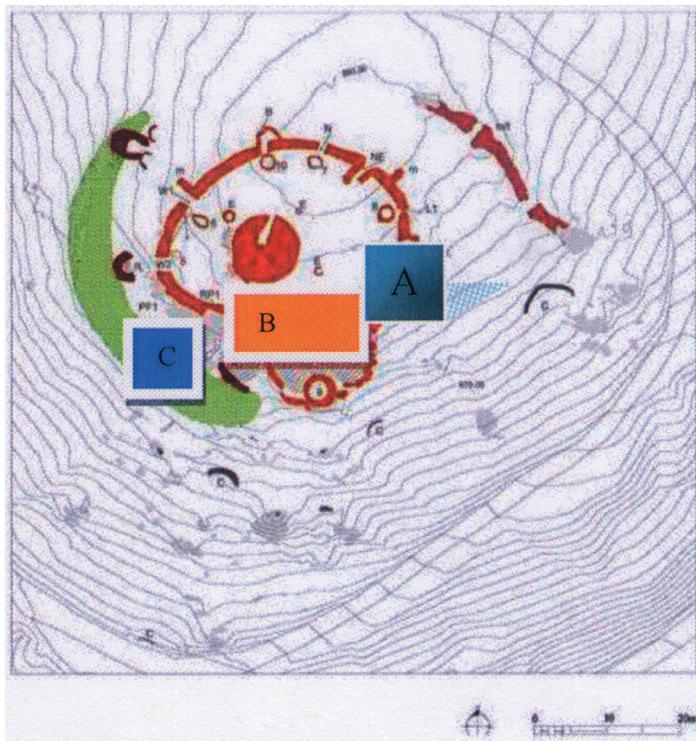


Fig. 10. Esquema geral da estação com a definição de três áreas com estruturas/níveis históricos.

São escassas as informações referentes às possíveis estruturas de cronologias ‘pós pré-históricas’. Iremos focar a nossa atenção em três áreas distintas adentro do sítio do Castelo Velho, onde é possível relacionar camadas, possíveis estruturas, datas de C14 e alguns materiais.

Área A

I', J', L', M', N', O'10-16

Nesta área foi assinalada uma estrutura com alguma dimensão, interpretada como um “muro” recente. Segundo alguns dos habitantes de Freixo de Numão, existiria no sítio do Castelo Velho um antigo curral de ovelhas ou cabras, que se coaduna com a estrutura encontrada.

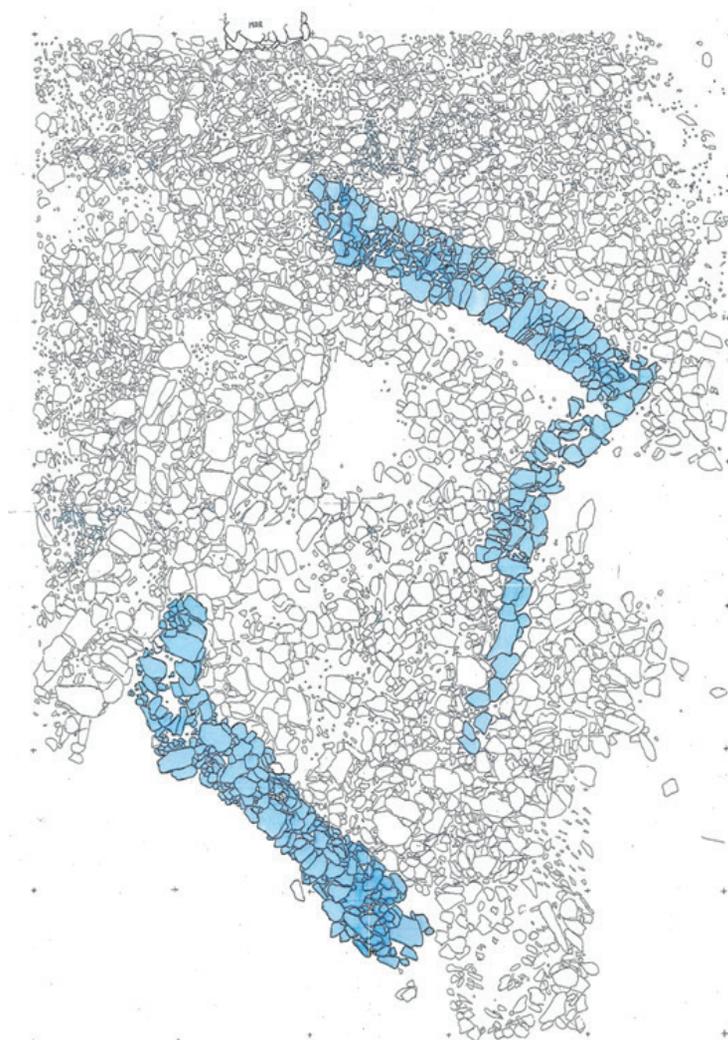


Fig. 11. Estrutura designada por “Muro”.

Refira-se ainda que nesta área foi encontrada uma conta de colar, que não se enquadra na Pré-História Recente; e é daqui que provem a Amostra n.º 28 (do M'12) datada de 1899 ± 38 BP, ou seja 24 - 227 cal AD. Apesar de não ser possível tirar muitas ilações dos dados que possuímos para esta zona, podemos afirmar, inequivocamente, que esta área foi sujeita a alterações em épocas posteriores ao período pré-histórico.

Área B

B'13, C'13, D'13, E' 13, B'14, C'14, D'14, E'14, D'15, E'15.

No caderno de campo de Vítor Oliveira Jorge, relativo ao ano de 1994, refere-se a abertura no sector SE das quadrículas B'13, C'13, D'13, E'12 e E'13 nos quais foram encontradas, ao nível da camada 2, “buracos” de vários tamanhos. Segundo Susana Soares Lopes, estes “buracos” continham sementes carbonizadas. A Amostra n.º 17, da camada 2, localizada na quadrícula D'13 revelou uma datação de 676 +/- 26 BP - 1389 cal a.C.



Fig. 12. Aspecto geral da área onde foram encontrados os “buracos” durante a campanha de 1994 (fotografia de Susana Soares Lopes).



Fig. 13. Pormenor (fotografia e desenho) do nível com “buracos” e sementes carbonizadas (fotografia de Susana Soares Lopes).

Em 1997 foi registado um nível histórico, nos desenhos das quadrículas B'14, C'14, D'14, E'14, D'15, E'15.

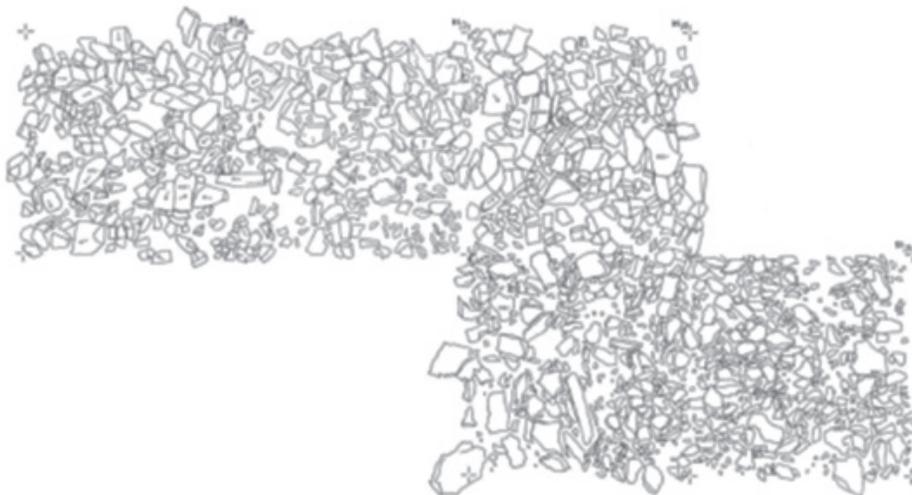


Fig. 14. Primeira decapagem das quadrículas B'14, C'14, D'14, E'14, D'15, E'15 onde se detetaram materiais romanos (JORGE 1994).

Neste sector foram ainda encontrados alguns materiais, tais como vários fragmentos de tégula e dois fragmentos de cerâmica.

F'14 e 15; G'14, G'15 e G'16 H'14/H'15

Segundo o caderno de campo de 1998, foram encontrados nos quadrados F'/G' 14/15 vestígios de ocupação histórica com muitas pedras miúdas e terra castanha escura. Registe-se a exumação desta área de um pequeno cravo em ferro. Este nível assenta em sedimentos calcolíticos.

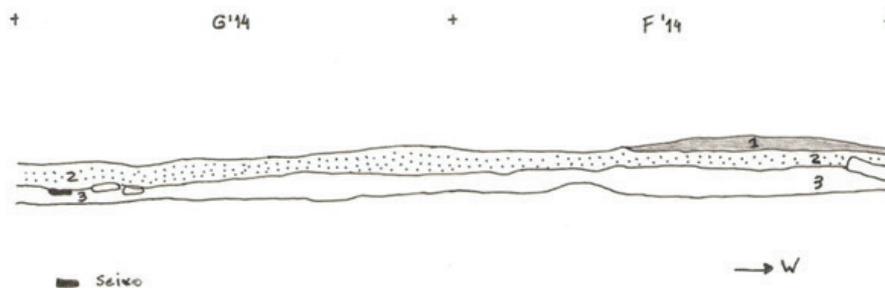


Fig. 15. Corte das quadrículas G'14 e F'14 onde é visível a camada 1 associada ao nível histórico.

Refere-se ainda vestígios de estruturas muito perecíveis inseridos na camada 2, nos quadrados G'14/G'15 - H'14/H'15''.



Fig. 16. Aspecto geral da área B em fase de escavação.

Área C

F15, F16 e F17; G16

Em 2001 registámos o aparecimento de materiais estranhos à Pré-História Recente, nomeadamente um possível bordo de “dolium”, no âmbito da decapagem e limpeza das quadrículas G 16, F 16 e F 17, decorrente do desmonte da rampa do sector II. Em 2002 existe o registo do desmonte de uma possível fossa (medieval?) nessa mesma área.

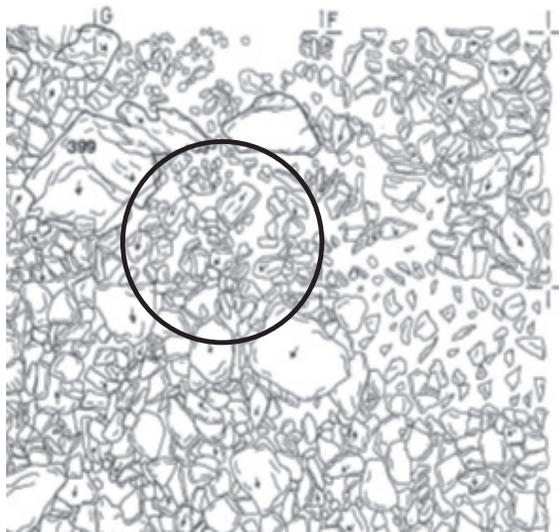


Fig. 17. Desenho do área C onde se detectou uma possível fossa de um período histórico indeterminado (JORGE 2003b).

As conexões entre os vestígios pré-históricos e históricos

Optámos por analisar apenas as áreas A e B devido ao volume de informação que possuímos para estas duas áreas, abdicando de o fazer para a área C, muito mais circunscrita e limitada em termos de dados arqueológicos.

Procuramos perceber como se sucedem os vestígios dos vários momentos pré-históricos e históricos, não meramente de um ponto de vista sequencial mas, sempre que possível, de um ponto de vista relacional.

Nas primeiras campanhas de escavação registaram-se, em toda a estação arqueológica, pedras soltas que foram interpretadas como um “monturo recente”. Foram também assinalados, em determinadas áreas, revolvimentos recentes ao nível das camadas superficiais, relacionados, possivelmente, com o plantio de cereal, nomeadamente de trigo e centeio, nesta zona (JORGE, 1989: 4).

Área A

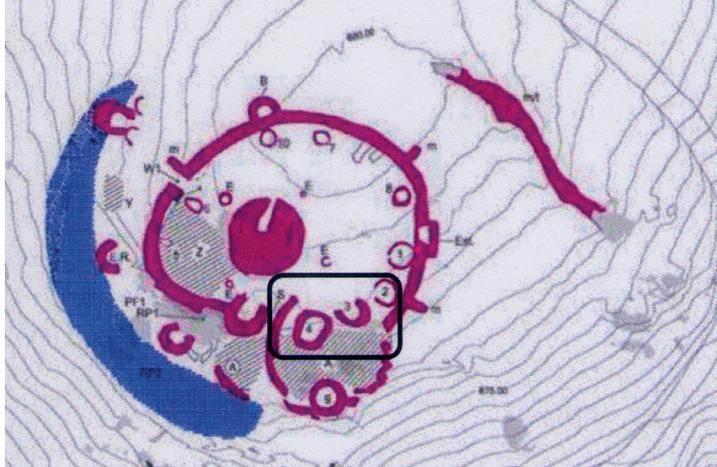


Fig. 18. Área A

As áreas abrangidas pelos quadrados J', L', M', N', O' 10/16, foram sujeitas a decapagens em área, que detectaram fundamentalmente sedimentos modernos na camada 1, que parecem cobrir sedimentos associados ao topo da camada 3 (associada a níveis calcolíticos). Apesar de não se terem detectado estruturas pré-históricas nessa zona, foram encontrados sedimentos pré-históricos e materiais pré-históricos.

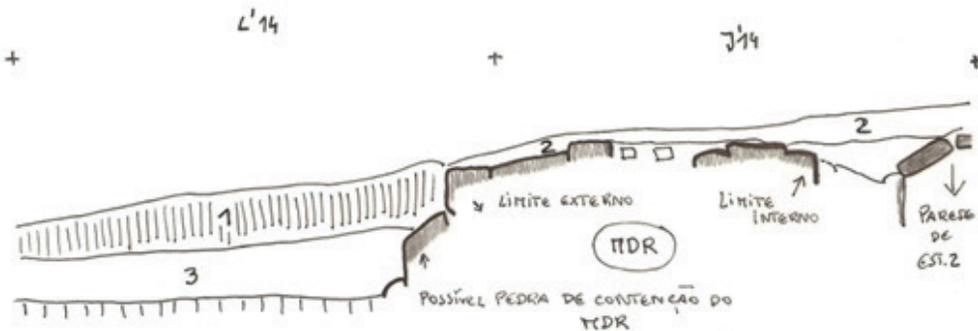


Fig. 19. Corte das quadrículas J'14 e L'14

(Tintagem do corte realizado a partir de um desenho de campo de Carlos Lemos).

Nestas quadrículas foi detectada uma estrutura, que passaremos a designar de “Muro”, cujo aparelho de construção é nitidamente diferente do aparelho encontrado nos muros associados a níveis pré-históricos.



Fig. 20. Estrutura assinalada como “Muro”.

Esta estrutura, constituída por “três panos de muro em “pedra seca”, parece delimitar um espaço parcialmente fechado a este. A vertente oeste desta estrutura encontra-se diluída num conjunto de pedras associados a estruturas calcolíticas. A estrutura parece adossar-se ao Murete Delimitador do Recinto (MDR) pré-histórico (recinto já parcialmente definido em campanhas anteriores), estendendo-se para fora deste recinto no sentido este, criando uma área rectangular.

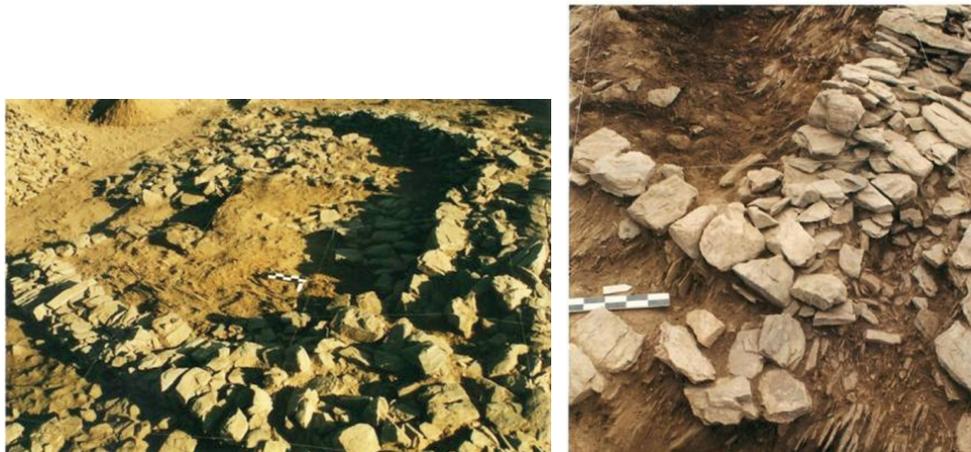


Fig. 21a. Vista geral da estrutura histórica, a qual designámos por “Muro”.

Fig. 21b. Pormenor do lado este da estrutura.

O revolvimento desta área parece não ter afectado um conjunto de estruturas calcólicas e da Idade do Bronze que se encontram imediatamente do lado oposto aos muros “históricos”.

Esta estrutura “histórica” encontrava-se adossada a uma área muito complexa do ponto de vista das estruturas que ali foram encontradas. Reportamo-nos à escavação desta zona, onde se começou por definir o Murete. Este apresentava uma interrupção, tendo sido definida uma Entrada (Entrada Leste).



Fig. 22. Momentos da definição da Entrada Leste que interrompe o Murete que delimita o Recinto pré-histórico.

Imediatamente a norte desta entrada encontrava-se «uma espécie de “cairn” ou amontoado ordenado de pedras, o qual inseria, no seu interior, in situ, um vaso carenado liso, quase inteiro. (...) Será interessante notar que esta deposição apresenta notáveis semelhanças formais com contextos de âmbito sepulcral/cultural da Idade do Bronze» (JORGE, (2005) [2002]: 137/139).



Fig. 23. Cairn (fotografias de Susana Soares Lopes) onde foi encontrado um vaso carenado liso (fotografia de José Varela).

Após a escavação do cairn, definiu-se o Murete que delimita o recinto pré-histórico. No lado este deste Murete, ou seja, no exterior do recinto, foi detectada uma estrutura de contenção calcolítica que se estendia para sul, acompanhado o murete, tendo sido definida após o desmonte da estrutura histórica, que lhe sobrepunha em parte.

No interior do recinto, muito próximas do Murete delimitador do Recinto, foram encontradas duas estruturas pré-históricas: a Estrutura 1 e Estrutura 2, que foram concebidas durante o Calcolítico. Existem vestígios de ocupação da Idade do Bronze em ambas as estruturas, sobretudo na Estrutura 1 mas a camada 2, correspondente à Idade do Bronze, é pouco espessa. No interior das estruturas 1 e 2 foram exumadas duas estruturas pétreas (estrutura A e B, respectivamente). Na estrutura A inserida na estrutura 2, foi identificado, “in situ”, um machado plano inteiro, de cobre (JORGE, 1999a: 5).

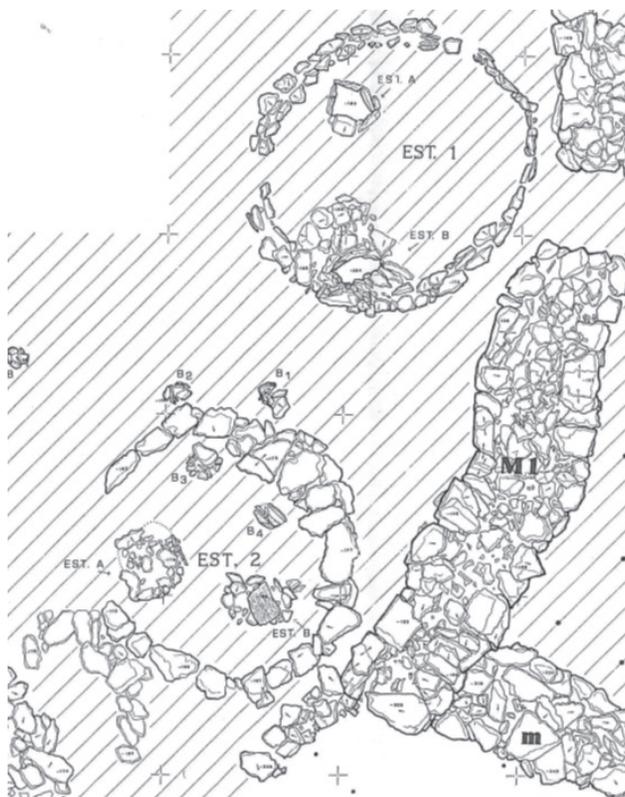


Fig. 24. As estruturas 1 e 2 que se encontram muito próximas do Murete delimitador do recinto pré-histórico (JORGE, 2002).

A estratigrafia das Estruturas 1 e 2 é bastante similar: acima uma camada de terra argilosa estéril, existia um “empedrado”, sobre o qual foram descobertos sedimentos correspondentes ao momento da utilização das estruturas, isto é da camada 3, associada à ocupação calcólica. Apenas na Estrutura 1, a camada 2 era mais espessa sobre a camada 3 e estava associada a estruturas muito frágeis e arruinadas. Aparentemente, esta estrutura sobreviveu algum tempo durante a Idade do Bronze.

No quadrado L’13 detectou-se uma estrutura de combustão, contígua ao murete delimitador do recinto superior. No quadrado L’15, na base da camada 3, foi descoberto um fragmento de vaso campaniforme cordado (JORGE, 2002: 11).

No exterior do recinto pré-histórico, nas quadrículas L'/J'I' 15-18, um pouco mais para sul das estruturas mencionadas anteriormente, existe uma “interrupção” intencional no recinto (quadrado I'15), iniciando-se aqui o “avançado”. Para o interior do recinto observam-se as estruturas atrás referidas, associadas às camadas 3 e 2. Para o exterior, as terras encontravam-se revolvidas, praticamente sem material arqueológico, o que poderá corresponder à deposição de sedimentos em época moderna (JORGE, 1999a: 4).

Para terminar a caracterização desta área, do ponto de vista das estruturas que a constituem, falta-nos referir aquela que ficou designada como Estrutura Leste (ou estrutura subrectangular, a Leste) e que se apresenta de difícil compreensão: lateralmente à entrada leste do recinto pré-histórico, definida posteriormente à escavação do cairn, que se sobrepunha ao Murete (MDR), e que por sua vez se sobrepunha a esta estrutura, a qual continha sedimentos associados às camadas 3 e 2 (*Ibidem*).

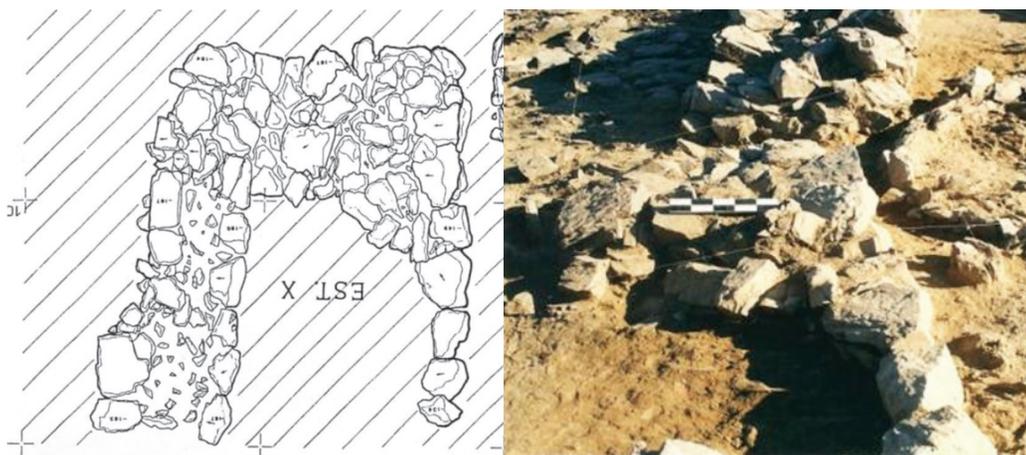


Fig. 25. Estrutura Leste (fotografia de Susana Soares Lopes).

Esta estrutura pode estar associada a um nível de ocupação definido em 1993, cujas datações de carbono apontam para uma cronologia atribuída ao primeiro momento de ocupação do morro por populações pré-históricas. Em 1993 registou-se uma estrutura pétrea adossada ao Murete delimitador do recinto. Esta estrutura definida em 1998, pode ser a continuação desta estrutura para sul.

Área B

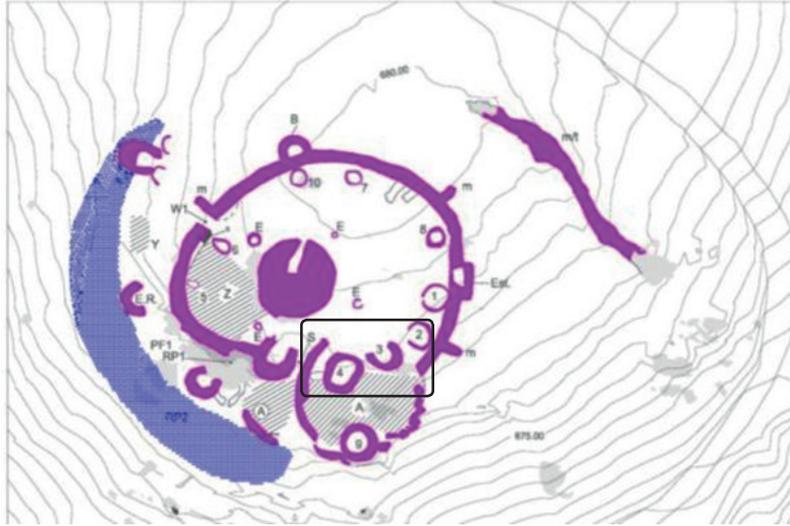


Fig. 26. Área B

Na área B, quer ao nível da camada 2, quer ao nível da camada 3, foram registadas estruturas sobrepostas, correspondendo tal facto a uma intensa e longa ocupação da zona. Esta área foi ligeiramente alterada em época romana ou medieval (JORGE 1995). A primeira decapagem em 1994 revelou, logo à superfície, um amontoado algo caótico de pedras deslocadas, produto de desmoronamentos e violações realizadas ao longo do tempo no local.



Fig. 27. Vários níveis sobrepostos no início da escavação da área B em 1998 (fotografias de Vítor Oliveira Jorge).

Na escavação de 1998 apareceram, na camada 2, nos quadrados G'14/G'15 - H'14/H'15, vestígios de estruturas de difícil compreensão. Após a remoção destes vestígios, começaram a surgir várias estruturas da camada 3 encostadas à plataforma pétrea: lajeados, pisos e estruturas pétreas (JORGE, 1999a).



Fig. 28. Momento de escavação da área B: ao centro o nível de terra escura e pequenas pedras (fotografia de Susana Soares Lopes).

Durante a campanha de 1999, foi definida uma estrutura subcircular (Estrutura 3), delimitada por grandes pedras, que apresentava no seu interior um piso de argila, sobre o qual foram colocadas lajes de xisto azul.



Fig. 29. Decapagem da estrutura 3, nível de argila (fotografia de Susana Soares Lopes).

Entre 1997 e 2000 foram exumados:

- vestígios de uma ocupação histórica (romana ou talvez medieval?!),
- vestígios da fase final do sítio em épocas pré-históricas, correspondente à “petrificação” que foi operada ao nível da camada 2.

Contudo, este sector sempre colocou problemas interpretativos que exigiram, em 2001, a ampliação da escavação em área e em profundidade, e que permitiu compreender que esta zona abrange uma espécie de “avançado” do recinto superior orientado para sul. Este “avançado” é delimitado, a oeste, por um murete baixo encostado a afloramentos e a sudeste, por uma linha de afloramentos ali intencionalmente colocados, que se juntam a leste, ao murete do recinto superior (JORGE, 2003c: 139). Nesta área foram descobertas as seguintes estruturas, às quais se sobrepunham os níveis mais recentes: um murete subrectilíneo (M), com direção SO-NE; ou seja, estamos na presença de um murete faceado que, arrancando do topo do recinto superior, delimita o “avançado”, a oeste, encostando a sul, a grandes penedos; uma pequena estrutura pétreia a leste, contígua ao murete atrás referido. É uma estrutura subrectangular, delimitada por pedras e afloramento; a Estrutura 4, encostada à estrutura anterior, encontrando-se em escavação desde 1997. Trata-se de uma estrutura subcircular, delimitada por pedras de tamanhos variáveis, sem que estas formem qualquer face externa ou interna. O seu enchimento era constituído por pedras e sedimentos argilosos, integrando algum material arqueológico (*Ibidem*). O murete e as estruturas são construções de base calcolítica. Pensa-se que a plataforma onde estas estruturas se inserem terá sido construída durante o Calcolítico, tendo sido mantida e restaurada ao longo da Idade do Bronze (JORGE, 2002a: 10).

Os vestígios históricos parecem penetrar nos sedimentos das camadas pré-históricas, mas, aparentemente, não tendo destruído a base das estruturas calcolíticas que ali persistiram.

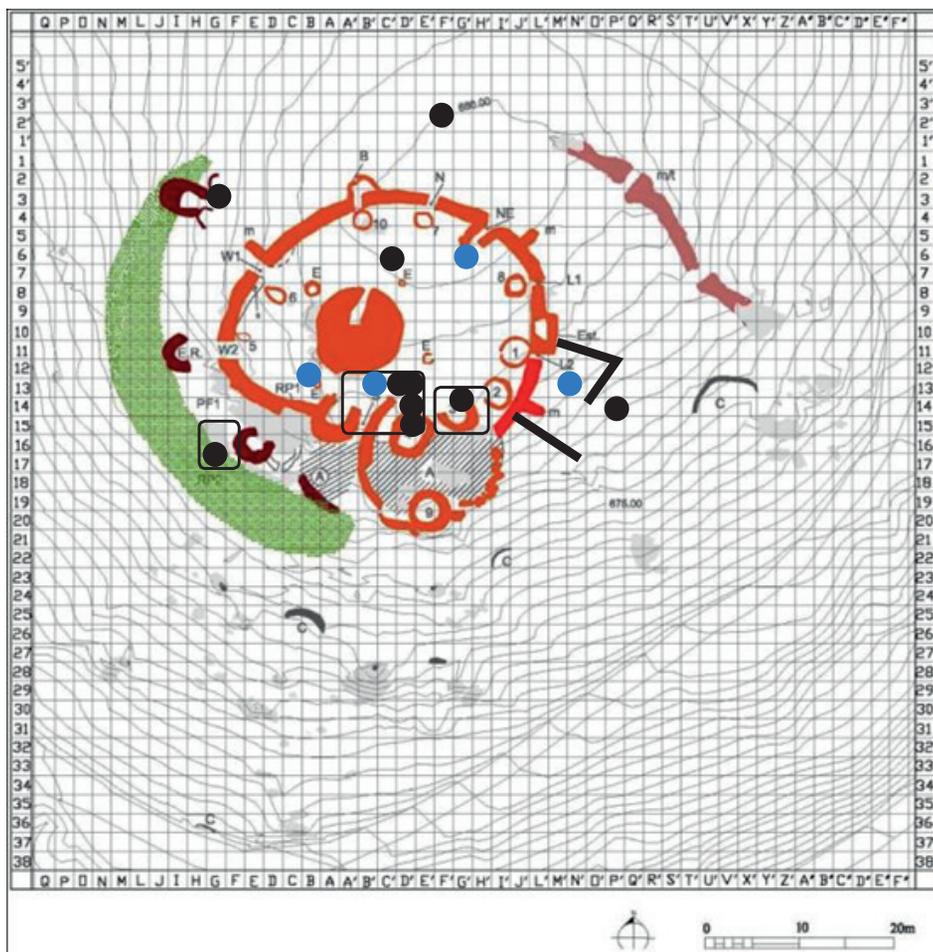


Fig. 30. Planta geral da estação com a implantação de materiais, estruturas/níveis e datações de carbono 14 históricas (materiais representados a preto, datações de C14 a azul).

Da análise efectuada nos pontos anteriores consideramos o seguinte:

As áreas alteradas em períodos históricos concentram-se na vertente Sudeste da estação arqueológica. Desta zona tem-se uma visualização privilegiada para a zona onde hoje se localiza a cidade de Vila Nova de Foz Côa, mas desconhecemos a real motivação para implantação de estruturas históricas nesta área do morro.

O remeximento e as alterações efectuadas não parecem penetrar na camada de argila que cobre o sítio pré-histórico e que, segundo Susana Lopes, teria servido para “fechar” o Castelo Velho cerca de 1300 a.C. O encobrimento do sítio pré-histórico tem sido realçado por esta autora, que afirma que o sítio teria funcionado como interdito (JORGE, 2005) [2002]: 135). Se partimos deste pressuposto, parece-nos plausível pensar que as estruturas existentes em 1300 a.C. seriam basicamente as estruturas encontradas aquando da escavação. Ou seja, no fim do 2 milénio a.C. o sítio pré-histórico estaria desmantelado e o que permaneceu selado pela argila foi o nível basal de algumas estruturas e outras que se encontrariam seladas. Não existiriam estruturas em altura, mas sim a “mamoá” de pedras que perdurou ao longo dos tempos. É possível que em épocas posteriores se tivesse desmantelado parte da “mamoá” sem penetrar na argila, permanecendo assim a base das estruturas pré-históricas intactas.

Nunca utilizamos a palavra violação para caracterizar as alterações desenvolvidas no sítio após a ocupação Pré-histórica. Não tivemos nenhuma indicação de que o sítio tenha sido vandalizado em tempos presentes por “caçadores de tesouros” ou de amadores à procura de moedas. A palavra violação possui um carácter muito negativo e associamo-lo à destruição duma parte de um sítio arqueológico com vista à sua depredação. O que terá ocorrido, possivelmente em mais do que um momento, terá sido a ocupação do morro em épocas distintas, nomeadamente a época romana (séculos I-II); época tardo-romana/alti-medieval (aproximadamente séculos IV-VI), segundo a análise dos materiais realizada por António Silva.

O que separa uma ocupação medieval ou moderna de uma ocupação pré-histórica é apenas uma linha muito ténue, muitas vezes imperceptível, mesmo que a distância temporal que os separe seja da ordem dos 2000 anos.

Saliente-se a dificuldade em datar essas ocupações posteriores ao 3.º e 2.º milénio a.C. apenas com base nos níveis e estruturas registados. Registe-se ainda o problema de tentar relacionar os materiais e as datações de C14 com as estruturas existentes. Se num caso parece plausível fazê-lo (na área B, quadrículas B’13, C’13, D’13, E’ 13, B’14, C’14, D’14, E’14, D’15, E’15), nos restantes casos consideramos que estaríamos a forçar os dados. Por isso

mesmo optamos por distinguir genericamente entre vestígios pré-históricos e vestígios históricos.

Existem alguns materiais e uma data de C14 que se encontram dispersos pelo sítio arqueológico, e que não parecem estar associados a nenhuma estrutura. Porém, parece haver uma coincidência entre níveis históricos, materiais e datações de C14.

Os materiais do exterior do recinto pré-histórico da zona Leste ainda não foram objecto de análise, pelo que é possível que apareçam outros materiais para além daqueles que foram referidos neste trabalho.

Um sítio que se pressupõe ocupado durante cerca de 1500 anos durante a Pré-história Recente está sujeito a inúmeras alterações. Em termos arquitectónicos parece haver um jogo de fecho/abertura de passagens (as chamadas entradas); a ocultação de determinadas estruturas, nomeadamente a que continha ossos humanos e a estrutura das sementes, e que permaneceram seladas até ao momento da sua escavação.

Com os dados disponíveis não é possível afirmar que as comunidades que foram passando por Castelo Velho, ao longo dos tempos, tinham conhecimento das que as precederam e dos vestígios que deixaram no morro onde se situa o sítio arqueológico. Contudo também não podemos refutar terminantemente a hipótese de que poderia perdurar algo, uma ruína, uma lenda, um nome, algo que motivasse o conhecimento ou interesse no local. Certo é a existência de vestígios da “passagem” destas comunidades em Castelo Velho.

6. CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO - APONTAMENTOS FINAIS.

“O passado, qualquer «passado», existe em função de uma teia de significações conferida em cada presente histórico. Neste contexto, o passado está aberto a uma pluralidade de «sentidos» que se jogam na prática social em função do consenso gerado pela comunidade científica. Desta forma o passado terá, em cada presente, simultaneamente e/ou sucessivamente, a configuração que resultar da negociação social do sentido. O passado é, como bem se sabe, um projecto do presente (JORGE, (2005) [1994]: 58).

O Castelo Velho tem a sua própria história, o seu percurso no tempo. Entre os vários momentos da sua existência destacamos os seguintes:

- O momento da sua construção e a forma como seria interpretado e usufruído pelos seus habitantes;
- Ocupações e reutilizações adentro da Pré-História Recente;
- As suas ocupações durante a época romana e/ou tardo-romana/alti-medieval;
- A sua interpretação enquanto “ruína” pelas populações locais que habitam aquela região;
- O sítio enquanto escavação arqueológica, local de aprendizagem e sua interpretação pelos arqueólogos;
- O sítio arqueológico, fruto de um processo de musealização e valorização patrimonial;
- E, por último, o sítio interpretado pelos visitantes.

Em cada um destes momentos, o Castelo Velho foi interpretado, sentido e vivido de diferentes maneiras por diferentes pessoas.

Tentamos com este trabalho caracterizar as ocupações históricas do Castelo Velho. Trabalhar este tipo de evidências “históricas” tão ténues e residuais foi um desafio difícil, atendendo a que os vestígios encontrados parecem não ser suficientes para definir que tipo de ocupação, ou ocupações possam ter ocorrido em Castelo Velho em épocas históricas, e assim sendo, o estudo realizado limitou-se a analisar se as evidências de épocas posteriores destruíram ou afectaram as estruturas pré-históricas.

Na dicotomia da Memória e do Esquecimento, presente em Castelo Velho, assim como na generalidade dos sítios arqueológicos, apercebemo-nos da dificuldade em estudar os seus “tempos” ou “momentos”. Sentimos a dificuldade que é tentar perceber como as comunidades manipulavam as materialidades ali presentes, quer fosse de forma consciente ou inconsciente.

Um aspeto evidenciado por Lesley McFadyen¹¹ prende-se com a questão dos materiais pré-históricos e não pré-históricos. Os materiais associados a ocupações históricas são muito residuais e ocorrem, por vezes, em camadas associadas a ocupações pré-históricas. Os materiais parecem “ter encontrado um caminho” que atravessa as camadas arqueológicas pré-históricas no sentido das camadas mais antigas. No entanto, quando se realizaram trabalhos de prospecção na zona de Castelo Velho, encontraram-se materiais pré-históricos que parecem ter cruzado as diversas camadas, “ascendendo” ao solo actual. Não questionamos que esta “migração” entre camadas possa estar relacionado com os fenómenos pós-deposicionais, mas o que nos interessa salientar é o facto de que os materiais pré-históricos se encontram abundantemente à superfície. Apesar dos dados arqueológicos nos mostrarem que não seriam visíveis estruturas pré-históricas antes do início das escavações, é provável que as pessoas tivessem contacto com os materiais pré-históricos encontrados no local, quer fossem fragmentos de cerâmicas ou objectos líticos. Há uma ligação que se estabelece entre o objecto encontrado e quem o encontra. Se um “monte de pedras” pode não suscitar algum tipo de questionamento, um fragmento de um vaso cerâmico, especialmente se tiver forma ou decoração, longe de qualquer estrutura arquitectónica, levanta certamente uma pergunta: como é que isto veio aqui parar? Teriam as comunidades “romanas” ou “medievais” encontrado matérias pré-históricas naquele local? Terá sido a cultura material a ponte entre diferentes tempos e diferentes comunidades?

Não queremos transpor para as comunidades passadas e nossas contemporâneas, o modo de pensar dos arqueólogos. Uma das facetas do trabalho em Arqueologia passa exactamente por um questionamento constante sobre o “passado” (o tempo decorrido, o pretérito), nomeadamente sobre os traços desse passado. Mas parecem-nos plausíveis as seguintes possibilidades: 1. que as pessoas, ao longo dos tempos, se tenham questionado, ficado intrigadas ou até mesmo curiosas sobre as materialidades passadas com as quais se

¹¹ Na revisão deste texto Lesley McFadyen colocou-nos uma série de observações cuja integração, neste ponto, nos pareceu essencial. Gostaríamos de deixar o nosso agradecimento a Lesley pelo conjunto de críticas construtivas e pelo seu enorme contributo para a concretização do nosso projecto de investigação.

deparavam no seu quotidiano; 2. esse interesse pode ter sido uma motivação para a ocupação de certos locais, que apresentam hoje em dia evidências de vestígios arqueológicos de diferentes épocas; 3. mesmo permanecendo indiferentes aos vestígios de comunidades que as precederam, as pessoas manipulavam e integravam esses vestígios nas suas vidas. É essa manipulação, esse manuseamento destes elementos, que estabelece a tal ligação temporal, que mais do que afirmar podemos apenas sugerir.

Para concluir, gostaríamos de sublinhar a ideia de que este sítio arqueológico, Castelo Velho de Freixo de Numão, tinha caído no “esquecimento”, não possuindo praticamente nenhum impacto na paisagem actual, tendo sido utilizado como pedreira nos últimos anos. Dele restara apenas um “monturo” de pedra, materiais pré-históricos à superfície, um nome (já desaparecido dos documentos oficiais) e algumas histórias. Castelo Velho foi resgatado pela investigação arqueológica e pelo nosso desejo de perpetuar e dar visibilidade à herança de nossos antepassados, transformando-o num Lugar repleto de Memórias, coletivas e pessoais.

Alexandra Vieira
Julho de 2011

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos aqueles que ajudaram à concretização deste trabalho, nomeadamente a Susana Soares Lopes, António Sá Coixão, Andreia Arezes, Lesley McFadyen, Sérgio Gomes, Lurdes Cunha, Lídia Baptista, António Silva, Sandra Santos, Joana Alves Ferreira, Bárbara Carvalho, Ana Vale, Carlos Alves, Sandra Naldinho, Márcia Neves, Gonçalo Velho e José Varela.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, M. T. e CUNHA, A. S. 1998. Restos humanos do Calcolítico - Idade do Bronze de Castelo Velho de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa - nota preliminar. "Côavisão, Cultura e Ciência", Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, n.º, pp. 35-42.

AREZES, Andreia Catarina Magalhães, 2011. Elementos de adorno altimedievicos em Portugal (séculos V a VIII). Serie Trivium, nº 41, Editorial Toxosoutos, Noia.

AUGÉ, Marc, 1994. Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Modernidade. Lisboa, Bertrand Editora, 1994.

AUGÉ, Marc, 2003. A Política do Património. Lisboa, Campo das Letras.

BARROCA, Mário Jorge, 2008- 2009. De Miranda do Douro ao Sabugal - Arquitectura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira. "Portvgália", Nova Série, Vol. xxix - xxx, p. 193-252

BAPTISTA, Lúdia, 2003. Cerâmica do interior do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

BARRETT, John, 1999. Chronologies of Landscape, in "The Archaeology and Anthropology of Landscape", R. Layton and P. Ucko (eds), London, pp. 21-30.

BEIM, Aaron, 2007. The Cognitive Aspects of Collective Memory. (Em linha) "Symbolic Interaction", 30(1): 7-26. Consultado em 20 de Maio de 2011. Disponível em: <http://www.uwo.ca/theory/Course%20Descriptions/Aaron%20Beim.pdf>.

BRADLEY, Richard, 1998. The Significance of Monuments: On the Shaping of Human Experience in Neolithic and Bronze Age Europe. London, Routledge.

BRADLEY, Richard, 2008. The Translation of Time, in "Archaeologies of Memory" (eds R. M. Van Dyke and S. E. Alcock), Blackwell Publishers Ltd, pp. 221-226.

BRADLEY, Richard, 2000. An Archaeology of Natural Places, London, Routledge.

BRADLEY, Richard, 2002. The Past in Prehistoric Societies, London, Routledge.

COIXÃO, António do Nascimento Sá, 1996. Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa. Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

COIXÃO, António do Nascimento Sá, 1997. Um Projecto, A Investigação, A Musealização e um Circuito, Freixo de Numão 1980-1996. Almada, A.C.D.R. de Freixo de Numão.

COIXÃO, António do Nascimento Sá 1998. Toponímia do concelho de Vila Nova de Foz Côa. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.

COIXÃO, António do Nascimento Sá 1999. A ocupação humana na Pré-história recente na região de entre Côa e Távora. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Almada, Edição da ACDR de Freixo de Numão.

COIXÃO, António Sá; TRABULO, António Rodrigues, 1995. Por terras do concelho de Foz Côa. Subsídios para a sua história: estudo e inventário do seu património. 2ª ed. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

COIXÃO, António do Nascimento Sá, 2008. Proto-história e romanização do Baixo Côa: novos contributos para a sua caracterização. “Proto-história e romanização, Guerreiros e colonizadores. Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior”. Vol. 3. Porto, Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão.

CHOAY, Françoise, 1999. A alegoria do património. Lisboa: Edições 70.

Encontros com o Património. TSF [Em linha] Entrevista do jornalista Manuel Vilas-Boas aos arqueólogos António Sá Coixão e Susana Oliveira Jorge. 07 JUN 08. Consultado em 10 de Junho de 2011. Disponível em: http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=918070&audio_id=955191

FIGUEIRAL, Isabel, 1998. Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). Os restos vegetais carbonizados. “Côavisão, Cultura e Ciência”, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, n.º0, pp. 43-48.

GOMES, Sérgio, 2003. Contributos para o estudo dos “Pesos de Tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz-Côa). Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, edição policopiada.

HOLTORF, Cornelius, 2000-2008. Monumental Past: The Life-histories of Megalithic Monuments in Mecklenburg-Vorpommern (Germany). A living electronic monograph. University of Toronto: Centre for Instructional Technology Development. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1807/245>).

HOLTORF, Cornelius; WILLIAMS, Howard 2006. Landscapes & memories. “Cambridge Companion to Historical Archaeology”. (Ed. Dan Hicks and Mary Beaudray). Cambridge: Cambridge University Press, pp. 235-254. Disponível em: http://works.bepress.com/howard_williams/18

INSTITUTO GEOGRÁFICO PORTUGUÊS 2010 (IGP)
Mapas on-line. Disponível em <http://mapas.igeo.pt/igp/igp.phtml>

JOHNSON, Matthew, 2005. Thinking about landscape, in “Archaeology, The Key Concepts”, (ed. by Colin Renfrew e Paul Bahn), London e New York, Routledge, pp.156-159.

JORGE, Susana Maria Soares R.L. Oliveira, Dezembro 1989. Povoado Pré-Histórico do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 1.^a Campanha, Setembro de 1989.

JORGE, Susana Oliveira, Janeiro 1991. Povoado Pré-Histórico do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 2.^a Campanha, Setembro de 1990.

JORGE, Susana Oliveira, Dezembro 1991. Povoado Pré-Histórico do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 3.^a Campanha, Junho de 1991.

JORGE, Susana Oliveira, 1993a. O povoado do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história Recente do Norte de Portugal, in "Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular", vol. I, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 33, 1-2, Porto, SPAE, pp. 179-221.

JORGE, Susana Oliveira, 1993b. Povoado Pré-Histórico do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 4.^a Campanha, Junho e Setembro 1992.

JORGE, Susana Oliveira, 1994. Povoado Pré-Histórico do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 5.^a Campanha, Junho e Setembro 1993.

JORGE, Susana Oliveira, 1995. Povoado Pré-Histórico de Castelo Velho (Freixo de Numão - Vila Nova de Foz Côa). 6.^a Campanha - Agosto - Outubro 1994. Projecto PCSH/S/315/HIS. Relatório de progresso apresentado à JNICT.

JORGE, Susana Oliveira, 1998. Estação Pré-Histórica de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 7.^a Campanha, Junho/Julho 1997. Relatório apresentado ao IPA.

JORGE, Susana Oliveira, 1999a. Estação Pré-Histórica de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). 8.^a Campanha - Junho/Julho 1998. Relatório apresentado ao IPA.

JORGE, Susana Oliveira, 1999b. Revisiting some earlier papers on the late prehistoric walled enclosures of the Iberian Peninsula, in "Journal of Iberian Archaeology", vol.5 pp 89-135

JORGE, Susana Oliveira, 2000a. Castelo Velho, Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa. Relatório de progresso, relativo aos trabalhos arqueológicos realizados em 1999.

JORGE, Susana Oliveira, 2000. Introdução: breve evolução da Pré-história recente do Norte de Portugal (do VI^o ao II^o milénio A.C.), in "Pré-História Recente da Península Ibérica", Actas do 3^o Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV, Porto, ADECAP, pp.7-12.

JORGE, Susana Oliveira, 2002a. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados em 2001 apresentando ao IPA.

JORGE, Susana Oliveira, 2002. Um vaso campaniforme cordado no Norte de Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Breve Notícia, in “Revista de Ciências e Técnicas do Património”, vol. I, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 27-50.

JORGE, Susana Oliveira; RUBINOS, António, 2002a. Absolute chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (northern Portugal): data and problems, in “Journal of Iberian Archaeology”, vol. 4, pp. 83-105.

JORGE, Susana Oliveira; RUBINOS, António, 2002b. Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os Dados e os Problemas, in “Côavisão, Cultura e Ciência”, nº4, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp.95-112.

JORGE, Susana Oliveira, 2003a. Pensar o espaço da Pré-história recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, in “Recintos Murados da Pré-história Recente”, Porto-Coimbra, pp.13-50.

JORGE, Susana Oliveira, 2003b. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Projecto de estudo, valorização e divulgação dum sítio pré-histórico do Norte de Portugal. 2001-2003. Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados em 2002 apresentado ao IPPAR.

JORGE, Susana Oliveira, 2003c. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): intervenção arqueológica em 2001 e 2002, in “Côavisão”. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. - Nº 5, pp. 133-157.

JORGE, Susana Oliveira, 2004. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). 9.ª Campanha – Julho 2003.

JORGE, Susana Oliveira, 2005. [1994]. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico Peninsular. Revista da Faculdade de Letras, II.ª Série – vol. XI, Porto, pp. 447-546. In JORGE, S. O. (2005), “O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais, Porto, Afrontamento, col. Biblioteca de Arqueologia, 2.

JORGE, Susana Oliveira, 2005 [1998]. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. Estudos Pré-históricos, Vol. VI, Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior (Tondela, 21 a 23 de Novembro de 1997), Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 279-294. In JORGE, S. O. 2005. “O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais”, Porto, Afrontamento, col. Biblioteca de Arqueologia, 2.

JORGE, Susana Oliveira, 2005 [2002]. Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. Actas do Simpósio «Conservação e Intervenção em Sítios Arqueológicos e Monumentos Históricos, Porto/paredes de Coura, Universidade Portucalense Infante D. Henrique/C. M. de Paredes de Coura, 2002, pp. 125-133. In JORGE, S. O. 2005, “O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais”, Porto, Afrontamento, col. Biblioteca de Arqueologia, 2.

JORGE, Susana Oliveira, 2005 [2003a]. Da Cenografia pré-histórica à cenografia patrimonial: o caso de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Arqueologia e História, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Volume 55, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.167-175. In JORGE, S. O. 2005. “O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais”, Porto, Afrontamento, col. Biblioteca de Arqueologia, 2.

JORGE, Susana Oliveira, 2005 [2003b]. Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão. Arquitectando Espaços: da Natureza à Metapolis, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp.63-84. In JORGE, S. O. 2005. “O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais”, Porto, Afrontamento, col. Biblioteca de Arqueologia, 2.

JORGE, Susana Oliveira; OLIVEIRA, Maria de Lurdes; NUNES, Susana; GOMES, Sérgio, 1998/99. Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). “Portugália”, Nova Série, vol. XIX-XX, Porto, DCTP, FLUP, pp.29-70.

JORGE, Susana Oliveira; VELHO, Gonçalo Leite; VARELA, José Manuel; BAPTISTA, Lídia; OLIVEIRA, Maria de Lurdes; GOMES, Sérgio, 2005. O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): Reflexões sobre fases e contextos. “Côavisão, Cultura e Ciência”, 7, pp.69-80.

JORGE, Susana Oliveira et al., 2007. A construção de um sítio arqueológico: Castelo Velho de Freixo de Numão, in “Actas do IV congresso de arqueologia peninsular: A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica”. Faro: Centro de Estudos de Património. Departamento de História, Arqueologia e Património. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade do Algarve, pp. 77-85.

LEAL, Pinho, s/d. Freixo de Numão. “Portugal Antigo e Moderno”. Volume Terceiro. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. p. 236.

LEAL, Pinho, s/d. Numão. “Portugal Antigo e Moderno”. Volume Sexto. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. pp. 178-183.

LOWENTHAL, David, 1990. *The past is a foreign country*. Cambridge University Press. (Em linha) Frontmatter. Disponível em: http://assets.cambridge.org/97805212/94805/frontmatter/9780521294805_frontmatter.pdf

LUCAS, Gavin, 2005. *The Archaeology of Time*. London and New York: Routledge.

Martín Viso, Iñaki, 2004. En la Periferia del Sistema: Riba Còa entre la antigüedad tardía y la alta edad media (siglos VI-XI). Centro de Estudios Ibéricos. Disponível em: http://www.cei.pt/investigacao/historico_2004.htm

Martín Viso, Iñaki, 2006, Elementos para el análisis de las necrópolis de tumbas excavadas en la roca: el caso de Riba Còa. CuPAUAM: Cuadernos de Prehistoria y Arqueología. Universidad Autónoma de Madrid. 31-32 (2005-2006): 83-102.

McFADYEN, Lesley, 2006. Material Culture as Architecture, in “Approaching Prehistoric and Protohistoric Architecture of Europe From a Dwelling Perspective”, (edited by Vitor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso, Ana Margarida Vale, Gonçalo Leite Velho e Leonor Sousa Pereira), Proceedings of the TAG session, Sheffield 2005, Porto, ADECAP, pp.91-102.

MURALHA, João, 1996. Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numa. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

NORA, Pierre, 1989. Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. (Em linha) “Representations”, 26. Consultado em 14 Maio de 2011. Disponível em: <http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/89Nora-LieuxIntroRepresentations.pdf>.

OLIVEIRA, Maria de Lurdes, 2003. Primeiras intervenções arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

PEREIRA, Leonor Sousa, 2000. Cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho de Freixo de Numão, (Vila Nova de Foz Côa). “Còavisão, Cultura e Ciência”, 2, pp.53-64.

RIPOLL, Gisela, 1985. La necrópolis visigoda de El Carpio de Tajo (Toledo). Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Subdirección General de Arqueología y Etnografía.

SILVA, Cristina Maria Costa, 1996. O Povoado Pré-Histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro do povoamento da 2.^a metade do III^o milénio a.C. / 1.^a metade do II^o milénio a.C., no Concelho de Vila Nova de Foz Côa. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

VARELA, José Manuel, 2000. As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): tradição e inovação na transição do III^o para o II^o milénio A.C. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

VELHO, Gonçalo Leite, 2009. Castelo Velho, a natureza e o tempo: questões relativas à Re-construção de um lugar. Tese de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.